

Suplemento Cultural

A Arte dos Vitrais na Matriz de Aquidauana

PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA

Na Idade Média floresceu, nas grandes catedrais francesas, a arquitetura gótica (séculos XII - XIII - XIV). Nesse estilo apareceram, substituindo a pintura mural, os vitrais. Eram compostos por figuras em múltiplos vidros coloridos. Tinham a função de ilustrar cenas bíblicas e a vida dos santos aos fiéis. O fato é que essa arte, dividindo a luz solar em fachos coloridos, contribuiu para um efeito emocional no crente, criando, no ambiente consagrado, a impressão de mistério divino.

A mais famosa, pelo acervo dos seus vitrais, é a Catedral de Chartres, do século XII, na França. É a única das grandes catedrais que conserva seus vitrais originais. Uma de suas rosáceas, vitral circular, é monumental com um diâmetro de 13,50 metros.

Os vitrais são constituídos por uma armação de ferro dividindo os painéis de vidro. Cada painel é formado por inúmeros vidros coloridos, unidos por um filete de chumbo, formando uma composição com figuras pintadas à mão e depois submetidas à alta temperatura para sua impregnação gráfica.

Essa era a técnica utilizada na Idade Média. A mesma usada na confecção dos vitrais da Matriz de Aquidauana, Nossa Senhora Imaculada Conceição.

A igreja, quase centenária, construída em 1930, tornou-se um dos símbolos da localidade. Sua arquitetura primorosa é de uma beleza ímpar. Podemos afirmar que seus vitrais também constituem uma grande riqueza para o patrimônio da cidade. São 43 vitrais coloridos, na maior parte ilustrando santos populares da igreja. Com uma área aproximada de 148,48 m².

Durante sua construção, os vitrais foram doados pelas famílias locais. Essa doação aparecia escrita na parte inferior de cada vitral, numa parte móvel, chamada basculante. Infelizmente, muitas dessas inscrições se perderam com o destruir dos vidros.

A função imediata do vitral é tornar o ambiente luminoso e acolhedor. Entretanto, é uma arte fragilizada pelos materiais utilizados. Com o passar dos anos está sujeita à deterioração, fazendo-se necessária uma restauração. O chumbo, pelo efeito da dilatação térmica, se deforma, causando o desprendimento dos vidros coloridos. No caso de Aquidauana, os vitrais também sofreram danos

“

A igreja, quase centenária, construída em 1930, tornou-se um dos símbolos da localidade. Sua arquitetura primorosa é de uma beleza ímpar. Podemos afirmar que seus vitrais também constituem uma grande riqueza para o patrimônio da cidade”

por não haver até então uma tela metálica de proteção externa. Algumas pedras foram atiradas, através dos anos, contra os vitrais por transeuntes tresloucados.

O pároco da igreja, Padre Tiago, num gesto de ousadia, devido ao alto custo da restauração, contratou uma firma especializada e idealizou uma campanha popular para obter fundos. Lançou mil carnês para que, durante um ano, as pessoas se comprometessem a pagar R\$20,00 por mês. Batizou a campanha: “1000 maneiras de dizer: eu te amo”. A campanha está no início, mas o povo está compreendendo a responsabilidade de preservar o patrimônio. Já havia uma reserva monetária para esse fim, organizada pelo ex-pároco, fruto da doação de gado para leilão, feita pelos fazendeiros da região, mas o valor se mostrava insuficiente. E a preservação se tornava cada vez mais urgente.

Os vitrais serão restaurados, gradativamente, na sede da empresa, em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Atualmente, 6 vitrais, os mais danificados, já foram levados para a restauração. O retorno está previsto para fevereiro de 2016. A finalização do serviço se dará em 2017. Sendo assim, esse patrimônio artístico-cultural de Aquidauana, e (por que não dizer?) de todo o Estado de Mato Grosso do Sul, será recuperado. As futuras gerações poderão conhecer os maravilhosos vitrais da Matriz de Aquidauana. Os visitantes poderão também ter sua atenção atraída para essas belezas da arte religiosa, em plena região ecológica do pantanal.



FOTO: MARCOS QUINHONEZ

UM DOS BELOS VITRAIS, AINDA CONSERVADOS, DA IGREJA NOSSA SENHORA IMACULADA CONCEIÇÃO – MATRIZ DE AQUIDAUANA-MS

POESIA

INVERSÃO DE CALVÁRIOS

Nada sangrou-me tanto o sentimento,
Nem dor maior cravou-se em meu fadário,
Do que ver de Jesus o sofrimento
Estampado em ais mudos de um Sudário!

Então, na via-crúcis me atormento:
“Homem, por que és tu tão ordinário?...
Matar na cruz quem traz-lhe amor e alento!...”
E chorei por Jesus no seu calvário.

Mas depois eu pequei – me desconjuro! –,
Não mais lembrei-me d’Ele, fui otário!,
Pois olvidei-lhe o sacrifício puro...

E eis que Cristo me acolhe mesmo assim:
Hoje sou eu que sangro em meu calvário,
E Ele é quem chora e ora ao Pai por mim!

GERALDO RAMON PEREIRA

Meu Susto Retroativo

HELIOPHAR ALMEIDA SERRA

Florim Jordão, meu sogro, nasceu em Mombucaba, de uma família de estirpe do litoral fluminense, proprietária de usina de açúcar e de escravos, nos idos da monarquia.

Depois, quando a região entrou em decadência, Florim Jordão, diferentemente do avô e do pai, não se conformou em permanecer numa região estrangulada entre o mar e as montanhas. Com o apoio familiar (os pais já falecidos), e por ser adolescente, foi residir em Olímpia com o irmão mais velho, e dessa cidade paulista foi parar em Nioaque, onde conheceu e se tornou íntimo de Demosthenes Martins.

Mais tarde, estabeleceu-se em Ponta Porã. Aprendeu a tomar mate chimarrão, a usar poncho paraguaio no inverno, a negociar lotes e lotes de cavalos com os fazendeiros do Pantanal, quando ali grassava “mal de cadeiras”, a comer churrasco gaúcho, sem nunca abandonar, porém, sua predileção por peixe, que lhe cutucava as saudades das praias de Mombucaba.

Certa ocasião (e aqui nascedouro do meu “susto retroativo”), Florim Jordão saiu, sozinho numa viagem a cavalo para as bandas de Nhú-Verá. Andou léguas!

Ao anoitecer, entrou numa picada que varava a mata. Para espantar nuvens de mosquitos, quebrou um ramo de árvore, e com ela batia de leve no próprio rosto, e também nas orelhas do cavalo. Depois de longo tempo, quando chegou à fazenda de Quinzinho, seu amigo, já era tarde. Não querendo importunar ninguém, armou sua rede no galpão e dormiu profundamente. Ao despertar, na manhã seguinte, sentiucoceiras no rosto. Estranhou! Ainda deitado, apanhou seu revólver Schimit Wesson níquelado, e dele se serviu como espelho. Levou enorme susto! Seu rosto estava inchado com estranhas placas avermelhadas.

– Estou morfético! – pensou Florim Jordão, apavorado. Entrou em cismas profundas:

– Há anos, vim para Mato Grosso. Sou solteiro e sozinho sem nenhum parente nestes ermos de Mato Grosso. Agora morfético, não vejo outra solução senão matar-me.

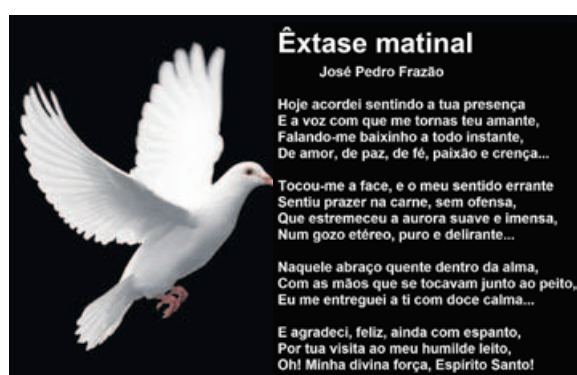
E assim pensando, engatilhou o 38, levou-o à altura da cabeça. Nisso, ouviu um grito da Casa Grande:

– Quem está aí?
– Sou eu, Florim Jordão.
– Que ótimo, meu amigo! Venha tomar um chimarrão comigo. Por que você não dormiu aqui na sede?

– Não posso, estou morfético! – Respondeu Florim e imediatamente cobriu o rosto com as franjas da rede. Quinzinho examinou rapidamente, e foi incisivo no diagnóstico:

– Você deve ter vindo pela picada e, no escuro, roçou o rosto nos galhos da aroeirinha. Isso não é morfeia coisa nenhuma, Jordão. É reação alérgica das brabas. Te ponho curado com dois banhos de erva – e caiu numa risada. Ajudou Jordão a sair da rede, e, juntos abraçados, foram tomar cuidadas de chimarrão.

E assim, o meu futuro sogro Florim Jordão não se suicidou! Casou, teve quatro filhas, e eu me casei com a mais bonita delas, Dirce, depois (é claro) da Edyr, da Zilah e da Evinha, hoje, respectivamente, Edyr Jordão Duarte, Zilah Jordão Gomes e Eva Jordão Arrigucci...



Éxtase matinal

José Pedro Frazão

Hoje acordei sentindo a tua presença
E a voz com que me tornas teu amante,
Falando-me baixinho a todo instante,
De amor, de paz, de fé, paixão e crença...

Tocou-me a face, e o meu sentido errante
Sentiu prazer na carne, sem ofensa,
Que estremeceu a aurora suave e imensa,
Num gozo estêreo, puro e delirante...

Naquele abraço quente dentro da alma,
Com as mãos que se tocavam junto ao peito,
Eu me entreguei a ti com doce calma...

E agradecei, feliz, ainda com espanto,
Por tua visita ao meu humilde leito,
Oh! Minha divina força, Espírito Santo!

A PREGUIÇA MIMOSA

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

A última filha do casal Pedro e Inês chamou-se Mimosa. Era muito bonita, rosada, esperta, e bem gulosa para se amamentar, de modo que cresceu como uma bola. Usava cabelos cacheados, sendo muito graciosa.

Ao crescer, porém, manifestou-se nela uma preguiça doentia. Era a última a se levantar do leito, e a mais vagarosa ao realizar qualquer tarefa, desde a doméstica até as escolares.

Não havia quem a fizesse andar depressa. Estava sempre chegando atrasada nos lugares para onde ia, e se demorava demais fazendo qualquer das suas obrigações.

Levaram-na a um pediatra para saber se não havia algum estado mórbido, responsável pela por aquela maneira de se comportar, mas nada encontraram.

Era irremissivelmente uma preguiçosa. Tentaram ensinar-lhe a costurar e bordar, mas Mimosa não demonstrava menor empenho em aprender tais coisas.

Deixava-se ficar em qualquer lugar, desinteressada de tudo. No fundo, o seu pensamento era do que nada valia a pena fazer.

Um dia, num zoológico, lhe mostraram o animal preguiça, e ganhou o apelido do nome do bicho.
– Acorda, bicho preguiça!

Temas do Folclore Nacional I

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

Todos os povos possuem o seu patrimônio cultural comum, constituídos de danças, folguedos, festas, músicas, arte e literatura popular, criação espontânea de sua gente e elemento de identificação em confronto com outros grupos étnicos.

O folclore brasileiro é o resultado do contato entre os elementos formadores da nacionalidade brasileira, criações portuguesas traduzidas da Europa pelos colonizadores; as de origem negra, vindas da África com os escravos; as indígenas, aqui já existentes; e as dos imigrantes europeus e asiáticos. Essas tradições se entrosaram, dando origem a novas criações artísticas, tais como: a) religião – representada pelos cultos afro-brasileiros; b) linguagem – representada pelos apelidos, ditados populares, anedotas e literatura de cordel; c) arquitetura – representada pelas casas de pau-a-pique, sapé e construções típicas dos imigrantes alemães, poloneses e italianos; d) festas populares – representadas pelo entrudo, que depois se transformou em carnaval; congadas, vaquejadas, cavalhadas e maracatus; e) música – representada pelas modas de viola, modinhas dos folguedos populares e instrumentos musicais; f) danças – cateretês, sambas de roda, batuque e capoeira.

Folclore. Esta palavra é derivada dos radicais germânicos *fo*l= povo e *lor*e= tradição, sabedoria e foi empregada pela primeira vez pelo escritor e arqueólogo inglês William J. Thomas, no dia 22 de agosto de ano de 1846, por ocasião do I Congresso Literário realizado em Londres e visava substituir a expressão francesa, então em voga, *populaires antiquités*; e, segundo o seu criador, é o “estudo dos costumes, usos e crenças, lendas cerimoniais e cantigas”, cuja prática permanece junto às classes populares. Assim sendo, o folclore é formado pelas mais diversas manifestações artísticas anônimas, como o canto, dança, festas e arte popular. Tais manifestações não sofrem influência da mídia – são criações típicas do povo, surgidas do contato e do misticismo entre os elementos da

cultura dos brancos, índios, negros e imigrantes. O dia 22 de agosto incorporou-se definitivamente ao calendário nacional como o Dia do Folclore. A literatura, através de seus escritores e poetas, reverencia todos aqueles que, através de sua arte, souberam captar e expressar com beleza e sensibilidade esses aspectos tão queridos como os costumes e as tradições populares.

Tipos de criações populares:
Maracatu. É uma festa popular que surgiu no Recife durante o Império, remanescente das procissões em louvor à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Inicialmente era um cortejo simples, de cunho estritamente religioso e que, posteriormente, foi tomado de assalto pelas folias do Rei Momo. De suas personagens principais destacam-se a rainha e a dama do paço, o rei Dom Henrique e o índio Tupi. A origem desse folguedo é africana (do Sudão) e tem o ritmo musical mais lento que o frevo, caracterizando-se atualmente por uma mescla de música primitiva e teatro dentro do carnaval pernambucano, o mais folclórico do país.

Vaquejada. É uma festa típica do nordeste brasileiro, onde o gado vive solto, e uma vez por ano se efetuam a contagem das cabeças e a marcação a ferro. É por essa época que se realizam as festividades populares denominadas de vaquejadas, quando o gado é confinado dentro de um enorme curral, ficando o povo do lado de fora, numa arquibancada, para aplaudir ou vaiar os cavaleiros. A principal característica da vaquejada é a derrubada do touro pela cauda. O animal arranca em grande velocidade e dois vaqueiros montados a cavalo o perseguem; um deles, que serve de esteira, mantém o touro na direção desejada, enquanto o outro, agarrando-lhe a cauda, derruba o animal, que cai de patas para o ar, sob os aplausos da assistência. Bandas de músicas e foguetes comemoram o efeito e o seu autor recebe nos braços uma fita simbólica. Segundo o prof. Luís da Câmara Cascudo, estudioso do folclore nacional, a vaquejada teve origem na Espanha e foi introduzida em nosso país no período de 1580 a 1640, durante o domínio espanhol sobre Portugal.